

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT15.004

FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA COM O 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Adriana Letícia Torres da Rosa¹
José Batista de Barros²

RESUMO

Este estudo analisou uma proposta pedagógica de formação de leitores desenvolvida em aulas de língua portuguesa com estudantes do 7º ano do ensino fundamental numa escola pública federal. Fundamentado em pesquisadores de linha sociointeracionista da linguagem, como Bakhtin, Marchuschi e Volochínov, o trabalho caracteriza-se como pesquisa-ação de base qualitativa. O corpus da pesquisa incluiu planos de aula e diário de campo com registros da observação da execução desses planos, desenvolvidos ao longo de 50 horas-aula. A análise revelou que o planejamento das atividades se pautou numa concepção de leitura enquanto prática social de uso da escrita. Foram identificados elementos formativos relevantes para o aprofundamento do diálogo sobre as obras literárias: a sugestão de obras diversificadas aos estudantes; a indicação da biblioteca escolar como espaço privilegiado de acesso à literatura; a orientação para elaboração de fichas de leitura; a realização da Feira de Leitores como evento de socialização de experiências leitoras; e a avaliação coletiva da atividade. Os resultados evidenciam que a proposta pedagógica

1 Doutora pelo Curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, professora da mesma universidade (Colégio de Aplicação), adriana.trosa@ufpe.br

2 Doutor pelo Curso de Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, josebatista.40@gmail.com

favoreceu a participação efetiva dos estudantes em atividades significativas, promovendo a leitura como deleite estético e crítico, além da troca de vivências sobre diferentes obras literárias.

Palavras-chave: Formação de leitores, Ensino de língua portuguesa, Práticas de leitura literária, Educação básica, Feira de leitores.

INTRODUÇÃO

A formação de leitores literários na educação básica constitui-se como um dos grandes desafios contemporâneos do ensino de língua portuguesa. Apesar dos avanços teóricos e metodológicos observados nas últimas décadas, ainda persiste uma distância significativa entre as práticas escolares e o desenvolvimento efetivo de competências leitoras que transcendam a mera decodificação textual. Nesse contexto, torna-se imperativo refletir sobre propostas pedagógicas que concebam a leitura não apenas como habilidade técnica, mas como prática social de interação com a cultura escrita.

O presente estudo teve como objetivo central analisar uma proposta pedagógica de formação de leitores desenvolvida em aulas de língua portuguesa com uma turma de 7º ano do ensino fundamental numa escola pública federal, ao longo do ano letivo. A proposta investigada fundamentou-se em pressupostos sociointeracionistas da linguagem e buscou promover experiências significativas de leitura literária, culminando na realização de uma Feira de Leitores como evento de socialização das experiências individuais de leitura.

A justificativa para este trabalho assenta-se na necessidade de documentar e analisar práticas pedagógicas que efetivamente contribuam para a formação de leitores autônomos e críticos. Em tempos de crescente disputa pela atenção dos jovens, especialmente diante das múltiplas formas de entretenimento digital, a escola precisa reafirmar seu papel como espaço de acesso à literatura e de formação do gosto pela leitura. Além disso, é fundamental que as práticas de leitura literária transcendam a lógica utilitarista que frequentemente marca o ensino de língua portuguesa, oferecendo aos estudantes experiências estéticas genuínas e oportunidades de desenvolvimento de suas capacidades interpretativas e críticas.

A fundamentação teórica deste estudo ancora-se em uma perspectiva sociointeracionista da linguagem, que compreende a leitura como

atividade de produção de sentidos situada historicamente e condicionada socialmente. Nessa abordagem, o texto não é visto como repositório de significados a serem simplesmente extraídos, mas como materialidade linguística que só ganha sentido na interação entre sujeitos socialmente constituídos.

Bakhtin (2003) fornece contribuições fundamentais para essa compreensão ao teorizar sobre a natureza dialógica da linguagem. Para o autor, todo enunciado pressupõe outros enunciados que o precederam e antecipa outros que virão, inscrevendo-se assim em uma cadeia de comunicação verbal. Aplicando esse princípio à leitura literária, podemos compreendê-la como um ato responsivo ativo, no qual o leitor não apenas recebe passivamente o texto, mas dialoga com ele, mobilizando suas experiências prévias, seus conhecimentos e sua visão de mundo. Essa concepção é particularmente relevante para a educação básica, pois reconhece o estudante como sujeito ativo do processo de construção de sentidos.

Por seu turno, Volochínov (2002) complementa essa perspectiva ao enfatizar a natureza social da linguagem. Para o autor, o signo linguístico é sempre ideológico, refletindo e refratando a realidade. Na leitura literária, essa dimensão social manifesta-se tanto na produção quanto na recepção dos textos: os autores escrevem situados em determinados contextos sócio-históricos, e os leitores interpretam a partir de suas próprias condições de existência. Essa compreensão fundamenta práticas pedagógicas que valorizem a diversidade de interpretações e promovam o diálogo entre diferentes leituras.

Aproximando-se das pesquisas em contexto brasileiro, Marchuschi (2008) oferece importante contribuição ao discutir os processos de compreensão textual. O autor destaca que a compreensão não é um processo linear de decodificação, mas uma atividade cognitiva complexa que envolve múltiplos conhecimentos: linguístico, enciclopédico, interacional e sobre gêneros textuais. Para o autor, compreender é produzir inferências, relacionar informações, formular hipóteses. Essa perspectiva orienta

práticas pedagógicas que, ao invés de buscar uma interpretação única e correta, incentivam os estudantes a explicitarem seus processos de construção de sentidos.

No campo específico da leitura literária, é importante destacar que esta possui características próprias que a distinguem de outras modalidades de leitura. O texto literário trabalha a linguagem em sua dimensão estética, explorando recursos expressivos, criando mundos ficcionais, convidando o leitor a experiências de alteridade. Cosson (2006) defende que o letramento literário na escola deve promover a experiência estética genuína, sem instrumentalizar excessivamente o texto literário.

A concepção de leitura como prática social implica também reconhecer a importância dos contextos de leitura. Não se lê apenas para desenvolver habilidades cognitivas, mas para participar da cultura letrada, para ter acesso a múltiplas vozes e perspectivas, para ampliar horizontes. Nesse sentido, a escola desempenha papel fundamental ao democratizar o acesso à literatura, especialmente para estudantes cujas famílias não possuem tradição de leitura ou acesso a livros.

Por fim, é relevante considerar que a formação do leitor literário na educação básica não deve se restringir à leitura silenciosa e individual. A socialização das experiências de leitura, a troca de impressões entre leitores, a recomendação de obras são práticas sociais autênticas que devem ser incorporadas ao trabalho pedagógico. Zilberman (2003) ressalta que a leitura literária se fortalece quando compartilhada, quando se torna tema de conversas, debates, recomendações. Essa perspectiva fundamenta a realização de eventos como a Feira de Leitores, objeto central deste estudo.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, utilizando como estratégia metodológica a pesquisa-ação. A escolha por esse caminho metodológico justifica-se pela natureza do objeto inves-

tigado: uma proposta pedagógica desenvolvida pelo próprio pesquisador em sua atuação como professor de língua portuguesa. Conforme Thiollent (2011), a pesquisa-ação é especialmente adequada para investigações que buscam simultaneamente produzir conhecimento e intervir na realidade social, estabelecendo uma relação dialética entre teoria e prática.

O contexto da pesquisa foi uma escola pública federal localizada em região metropolitana do Recife, que atende estudantes do ensino fundamental e médio. A instituição possui infraestrutura adequada, incluindo biblioteca escolar com acervo diversificado, o que constitui condição favorável ao desenvolvimento de propostas de formação leitora. Os participantes do estudo foram os 30 estudantes de uma turma de 7º ano do ensino fundamental, com idades entre 12 e 13 anos, provenientes de diversos bairros da cidade e de diferentes contextos socioeconômicos.

A proposta pedagógica foi desenvolvida ao longo de uma unidade letiva, perfazendo um total de 50 horas-aula, distribuídas em aproximadamente três meses. Esse período permitiu que as atividades fossem realizadas de forma processual, respeitando os tempos de leitura individual dos estudantes e possibilitando a construção gradual das competências necessárias para a apresentação oral na Feira de Leitores.

O corpus de análise da pesquisa constituiu-se de dois conjuntos de materiais. Primeiro, os planos de aula elaborados pelo professor-pesquisador, que documentam o planejamento detalhado das atividades propostas, incluindo objetivos, procedimentos, recursos e formas de avaliação. Esses planos revelam as escolhas pedagógicas e teóricas que orientaram a proposta. Segundo, o diário de campo mantido pelo professor-pesquisador ao longo de toda a unidade letiva, contendo registros sistemáticos das observações realizadas durante a execução dos planos de aula. Esses registros incluem descrições das atividades desenvolvidas, reações dos estudantes, dificuldades encontradas, ajustes realizados e reflexões sobre o processo.

A análise dos dados seguiu procedimentos típicos da pesquisa qualitativa. Inicialmente, foi realizada uma leitura exploratória de todo o

material, buscando identificar padrões, regularidades e elementos recorrentes. Em seguida, procedeu-se à categorização temática dos dados, identificando os principais elementos constitutivos da proposta pedagógica. Essa categorização resultou na identificação de cinco elementos formativos centrais: (1) a sugestão de obras literárias diversificadas; (2) a indicação da biblioteca escolar como espaço de acesso à literatura; (3) a orientação para elaboração de fichas de leitura; (4) a realização da Feira de Leitores; e (5) a avaliação coletiva da atividade. Por fim, cada um desses elementos foi analisado em profundidade, relacionando-os com o referencial teórico e discutindo suas implicações para a formação leitora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do corpus revelou que o planejamento e a execução das atividades pautaram-se numa concepção de leitura como prática social de uso da escrita, em consonância com o referencial teórico adotado. Os dados permitiram identificar cinco elementos formativos que se mostraram relevantes para o aprofundamento do diálogo sobre as obras literárias na escola. Cada um desses elementos será apresentado e discutido a seguir.

A SUGESTÃO DE OBRAS LITERÁRIAS AOS ESTUDANTES

O primeiro elemento identificado foi a elaboração de uma lista de sugestões de leitura diversificada, composta por 28 títulos cuidadosamente selecionados pelo professor. A lista incluiu as seguintes obras: *A bolsa amarela* (Lygia Bojunga); *A fada que tinha ideias* (Fernanda Lopes de Almeida); *A maior flor do mundo* (José Saramago); *A revolução dos bichos* (George Orwell); *A terra dos meninos pelados* (Graciliano Ramos); *A volta ao mundo em 80 dias* (Júlio Verne); *Agora estou sozinha* (Pedro Bandeira); *Alice no país das maravilhas* (Lewis Carroll); *Berimbau e outros poemas* (Manuel Bandeira); *Contos africanos dos países de língua portu-*

guesa (Coleção Para Gostar de Ler); *Contos de espanto e alumbramento* (Ricardo Azevedo); *Contos e lendas da mitologia grega* (Claude Pouzadoux); *Contos e poemas para crianças extremamente inteligentes de todas as idades* (Harold Bloom, Org.); *Doze reis e a moça no labirinto do vento* (Marina Colasanti); *Fábulas* (Monteiro Lobato); *Feira de versos: poesia de cordel* (Coleção Para Gostar de Ler, Vol. 36); *Lendas brasileiras para jovens* (Luís da Câmara Cascudo); *Menino do mato* (Manoel de Barros); *O diário de Anne Frank* (Anne Frank); *O fantástico mistério de Feiurinha* (Pedro Bandeira); *O gato malhado e a andorinha Sinhá* (Jorge Amado); *O homem do furo na mão e outras histórias* (Ignácio de Loyola Brandão); *O menino no espelho* (Fernando Sabino); *O mistério do 5 estrelas* (Marcos Rey); *O Natal do avarento* (Charles Dickens); *O pequeno príncipe* (Antoine de Saint- Exupéry); *O príncipe e o mendigo* (Mark Twain); e *Os meninos morenos* (Ziraldo).

A análise dessa lista revela três características importantes que evidenciam a preocupação com a formação ampla do leitor literário. Primeiro, a diversidade de gêneros textuais representados. A seleção contempla romances, contos, fábulas, poemas, diários, coletâneas, possibilitando aos estudantes o contato com diferentes formas de organização e expressão literária. Essa variedade é fundamental para a formação leitora, pois cada gênero literário oferece experiências estéticas específicas e mobiliza diferentes competências de leitura. Os romances, por exemplo, permitem o mergulho em narrativas mais longas e complexas; os contos oferecem a experiência de histórias concentradas e impactantes; as fábulas trabalham com a dimensão alegórica e moral; e a poesia explora as possibilidades expressivas da linguagem de forma singular.

Segundo, a presença equilibrada de autores nacionais e estrangeiros. Entre os escritores brasileiros, figuram nomes consagrados da literatura nacional como Lygia Bojunga, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Manuel Bandeira, Manoel de Barros, Pedro Bandeira, Fernando Sabino, Monteiro Lobato, Ziraldo, Marina Colasanti e Ricardo Azevedo. Entre os autores estrangeiros, encontram-se clássicos da literatura universal adaptados

para o público juvenil, como George Orwell, Júlio Verne, Lewis Carroll, José Saramago, Antoine de Saint-Exupéry, Mark Twain, Anne Frank e Charles Dickens. Essa composição é relevante porque permite aos estudantes construírem simultaneamente repertório da literatura nacional, conhecendo suas especificidades temáticas e estilísticas, e acesso à literatura mundial, ampliando sua compreensão da diversidade cultural e estética.

Terceiro, a inclusão tanto de obras contemporâneas quanto de clássicos da literatura. Alguns títulos foram publicados recentemente e dialogam com questões e sensibilidades atuais, enquanto outros são obras consagradas pela crítica e pela tradição literária, que atravessaram gerações de leitores. Essa combinação entre o novo e o já estabelecido é importante porque permite que os estudantes percebam a literatura como campo dinâmico, em constante renovação, mas também reconheçam obras que se tornaram referências culturais importantes.

É relevante destacar ainda que a lista não foi apresentada como imposição, mas como sugestão. Os estudantes tiveram liberdade para escolher qual livro desejavam ler, respeitando-se suas preferências e interesses individuais. Esse aspecto é fundamental em propostas de formação leitora, pois o gosto pela leitura desenvolve-se também a partir da possibilidade de escolha, da identificação pessoal com determinados temas, estilos ou autores. Nos registros do diário de campo, observou-se que os estudantes demonstraram interesse genuíno ao manusear os livros da lista e discutir entre si suas escolhas, evidenciando que a seleção foi bem recebida.

A INDICAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR COMO ESPAÇO PRIVILEGIADO DE ACESSO A OBRAS LITERÁRIAS

O segundo elemento formativo identificado foi a valorização da biblioteca escolar como espaço central para o acesso à literatura. Todos os 28 títulos constantes da lista de sugestões estavam disponíveis no acervo da biblioteca da escola, garantindo que os estudantes pudessem efeti-

vamente realizar suas escolhas sem limitações de ordem material. Essa disponibilidade é aspecto crucial frequentemente negligenciado em discussões sobre formação leitora: não basta sugerir livros aos estudantes se eles não tiverem como acessá-los.

A biblioteca escolar constitui-se, na proposta analisada, não apenas como depósito de livros, mas como espaço pedagógico fundamental para a democratização do acesso à leitura. Em uma sociedade marcada por profundas desigualdades socioeconômicas, nem todas as famílias possuem condições de adquirir livros, e muitas comunidades carecem de bibliotecas públicas bem equipadas. Nesse contexto, a biblioteca escolar torna-se, muitas vezes, o único espaço onde crianças e adolescentes podem ter contato sistemático com a literatura. Silva (1995) ressalta que a biblioteca escolar deve ser compreendida como direito fundamental dos estudantes, condição básica para uma educação de qualidade.

Os registros do diário de campo revelam que, durante a unidade letiva, foi dedicado tempo específico para que os estudantes visitassem a biblioteca, conhecessem sua organização, aprendessem a localizar livros no acervo e realizassem suas escolhas. Essas visitas foram mediadas pelo professor e incentivaram os estudantes a explorarem o acervo para além da lista sugerida. Essa familiarização com o espaço é importante porque contribui para que os estudantes desenvolvam autonomia no uso da biblioteca, podendo utilizá-la não apenas nas atividades dirigidas pelo professor, mas também em suas buscas individuais por leitura.

A análise dos dados revelou também uma preocupação docente importante: o conhecimento prévio do acervo disponível. Antes de propor a atividade aos estudantes, o professor consultou o sistema de catalogação da biblioteca para verificar quais títulos estavam disponíveis e em que quantidade, evitando frustrações decorrentes de sugestões de livros indisponíveis. Esse cuidado, aparentemente simples, demonstra responsabilidade pedagógica e respeito aos estudantes, mas surpreendentemente nem sempre é observado nas práticas escolares.

Ademais, o fato de todos os exemplares das obras sugeridas estarem disponíveis na biblioteca institucional reforçou, junto aos estudantes, a percepção da escola como espaço que valoriza a leitura e investe na formação leitora. Essa percepção é relevante porque contribui para a construção de uma cultura escolar que legitima e celebra as práticas de leitura literária, diferenciando-se de contextos em que a literatura é vista como atividade secundária ou meramente instrumental.

A ORIENTAÇÃO DOS ESTUDANTES PARA ELABORAÇÃO DE FICHA DE LEITURA

O terceiro elemento formativo central na proposta pedagógica foi a introdução de uma ficha de leitura como instrumento de mediação entre a experiência individual de leitura e sua socialização posterior na Feira de Leitores. A ficha, elaborada pelo professor com 13 itens, orientava os estudantes a registrarem sistematicamente diversos aspectos da obra lida: título, autor, dados de publicação, ilustrador/tradutor/adaptador (quando houvesse), gênero textual, organização do livro, tratamento do assunto, características da linguagem, breve resumo (de 5 a 10 linhas), avaliação sobre o livro com pontos positivos ou negativos (de 5 a 10 linhas), experiência como leitor, frase ou mensagem do livro para reflexão, e recomendação indicando a que tipo de leitor o livro seria adequado.

A análise revela que essa ficha cumpre múltiplas funções pedagógicas relevantes para uma leitura literária significativa. Primeiro, ela orienta o olhar do estudante para diferentes dimensões da obra, evitando leituras superficiais ou exclusivamente centradas no enredo. Ao solicitar informações sobre gênero textual, características da linguagem, tratamento do assunto, a ficha convida o leitor a observar aspectos formais e estilísticos, desenvolvendo uma leitura mais atenta e analítica. Isso é particularmente importante na educação básica, onde frequentemente os estudantes focam apenas no “o que acontece” da narrativa, sem perceber o “como” está sendo contado.

Segundo, a ficha funciona como registro das impressões leitoras, fixando aspectos que poderiam ser esquecidos ou negligenciados. O item “experiência como leitor” é especialmente relevante nesse sentido, pois legitima a subjetividade da leitura, reconhecendo que cada leitor estabelece relações únicas com a obra. Ao solicitar que o estudante reflita sobre ter gostado ou não do livro e por quê, a ficha valoriza o posicionamento pessoal, fugindo da ideia de que existe uma interpretação única e correta imposta pela autoridade docente. Essa dimensão conecta-se diretamente com os pressupostos sociointeracionistas que fundamentam a proposta, reconhecendo o estudante como sujeito ativo na construção de sentidos.

Terceiro, a ficha constitui-se como material de planejamento para a apresentação oral posterior na Feira de Leitores. Os itens registrados fornecem roteiro que auxilia o estudante a organizar sua fala, evitando a ansiedade do “não saber o que dizer” e contribuindo para apresentações mais estruturadas e consistentes. Essa função de apoio é crucial, especialmente considerando que a oralidade formal constitui desafio significativo para muitos estudantes do ensino fundamental. O item “breve resumo”, por exemplo, auxilia o estudante a sintetizar a obra sem entrar em detalhes excessivos; o item “avaliação sobre o livro” orienta a emissão de juízos críticos fundamentados; e o item “recomendação” direciona o olhar para o interlocutor, desenvolvendo a capacidade de considerar as características e interesses do público.

Quarto, ao solicitar a identificação de uma “frase ou mensagem do livro para reflexão”, a ficha promove um exercício de seleção e valoração, levando o estudante a identificar passagens significativas e a refletir sobre por que determinado trecho o marcou. Esse movimento de retorno ao texto, de busca por citações relevantes, contribui para uma leitura mais profunda e para o desenvolvimento da capacidade de relacionar partes e todo da obra.

Os registros do diário de campo indicam que os estudantes foram orientados a preencher a ficha durante ou imediatamente após a leitura, para que as impressões estivessem frescas. Observou-se que, inicialmente,

alguns estudantes apresentaram dificuldades, especialmente nos itens mais analíticos como “características da linguagem” e “avaliação sobre o livro”. Essas dificuldades são compreensíveis, pois tais competências estão em desenvolvimento nessa faixa etária. O professor atuou como mediador, esclarecendo dúvidas, oferecendo exemplos e realizando devolutivas individuais sobre os preenchimentos parciais das fichas. Esse processo de mediação foi fundamental para que os estudantes progressivamente desenvolvessem capacidade de análise literária mais refinada.

A TROCA DE EXPERIÊNCIAS LEITORAS ORALMENTE ENTRE ESTUDANTES NO EVENTO FORMAL FEIRA DE LEITORES

O quarto elemento formativo, e certamente o mais inovador da proposta pedagógica, foi a realização de uma Feira de Leitores como culminância do trabalho desenvolvido. Esse evento formal, realizado na própria sala de aula, constituiu-se como espaço de socialização das experiências individuais de leitura, promovendo trocas entre os estudantes e desenvolvendo competências de oralidade.

A Feira de Leitores foi organizada com os seguintes objetivos claramente definidos: divulgar e fazer conhecer livros entre os estudantes; socializar e trocar impressões leitoras, valorizando a dimensão coletiva da experiência de leitura; e desenvolver competências de oralidade, tanto na posição de apresentador quanto na de ouvinte participativo. Esses objetivos evidenciam a compreensão da leitura como prática social, que se fortalece quando compartilhada e discutida coletivamente.

O público da feira foi constituído pelos próprios estudantes da turma, o que criou um ambiente favorável à participação. Diferentemente de eventos em que estudantes apresentam para desconhecidos ou autoridades, apresentar para os colegas possibilita maior naturalidade e menor ansiedade. Além disso, essa configuração reforça a ideia de que os estudantes são interlocutores legítimos uns dos outros, não apenas receptores passivos do discurso docente.

A metodologia da Feira foi cuidadosamente planejada para maximizar o aproveitamento do tempo e garantir que todos pudessem apresentar e ouvir múltiplas apresentações. Com uma turma de 30 estudantes, a organização deu-se da seguinte forma: em cada rodada, 10 estudantes posicionavam-se em diferentes pontos da sala de aula, constituindo “bancas” individuais de apresentação. Os demais 20 estudantes distribuíam-se de forma equilibrada diante dos apresentadores, formando pequenos grupos de ouvintes. Cada sessão de apresentação durava aproximadamente 10 minutos, tempo considerado adequado para que o apresentador expusesse o livro lido utilizando a ficha como apoio e para que houvesse alguma interação com o público (perguntas, comentários). Ao final de cada sessão, os ouvintes podiam escolher outro apresentador para assistir, promovendo circulação e variedade de experiências. Após três rodadas de 10 minutos cada (totalizando 30 minutos), substituíam-se os apresentadores, até que todos tivessem a oportunidade de apresentar.

Essa metodologia rotativa revela-se bastante eficiente para eventos de socialização de leituras. Ela permite que cada estudante apresente seu livro e ouça sobre vários outros livros, multiplicando as possibilidades de descoberta e interesse. Além disso, a configuração em pequenos grupos favorece a interação, criando um ambiente mais acolhedor do que apresentações para toda a turma simultaneamente. Os registros do diário de campo apontam que os estudantes demonstraram entusiasmo durante o evento, havendo intensa circulação e participação ativa tanto dos apresentadores quanto dos ouvintes.

A análise revelou que cada estudante leu previamente um livro de sua escolha e, durante a leitura, preencheu a ficha de leitura que serviu de apoio para a apresentação oral. No dia da Feira, os apresentadores falaram ao público sobre o livro lido, utilizando a ficha como roteiro, mas sem necessariamente lê-la de forma mecânica. Observou-se que alguns estudantes demonstraram maior desenvoltura, expandindo as informações da ficha e estabelecendo diálogo espontâneo com os ouvintes, enquanto outros ainda apresentavam certa timidez e dependência maior do mate-

rial escrito. Essas variações são naturais e esperadas, considerando os diferentes perfis e níveis de desenvolvimento das competências orais na turma.

Um aspecto particularmente valioso da Feira de Leitores foi a possibilidade de os estudantes experimentarem os dois papéis fundamentais em situações de comunicação oral formal: ser apresentador e ser público. Como apresentadores, precisaram organizar suas ideias, expressar-se com clareza, ajustar o volume de voz, manter postura adequada, administrar o tempo disponível. Como público, precisaram ouvir atentamente, fazer perguntas pertinentes, demonstrar interesse, avaliar criticamente. Essa dupla experiência é fundamental para o desenvolvimento da oralidade, competência frequentemente negligenciada no ensino de língua portuguesa, que tende a privilegiar as modalidades escrita e de leitura.

A AVALIAÇÃO COLETIVA DA ATIVIDADE

O quinto e último elemento formativo identificado foi a incorporação de uma avaliação coletiva da atividade, realizada pelos próprios estudantes por meio de uma ficha avaliativa específica. Essa ficha, utilizada pelo público para analisar a apresentação oral dos colegas na Feira de Leitores, contemplava dois eixos principais: conteúdo e apresentação oral.

No eixo “conteúdo”, a ficha avaliativa verificava se o estudante demonstrou domínio do livro apresentado, observando três aspectos: apresentação formal da obra (título, autor, editora, edição etc.); resumo do conteúdo; e opinião fundamentada sobre o livro. Esses critérios garantem que a apresentação não seja mera reprodução mecânica de informações, mas evidencie leitura efetiva e reflexão sobre a obra.

No eixo “apresentação oral”, a ficha verificava se o estudante realizou boa comunicação, observando três aspectos: postura formal, pronúncia compreensível e volume de voz adequado; clareza na exposição e capacidade de esclarecer dúvidas; e aproveitamento adequado do tempo disponível (5 a 10 minutos). Esses critérios direcionam a atenção para

elementos fundamentais da oralidade formal, contribuindo para que os estudantes desenvolvam consciência sobre os aspectos envolvidos em uma boa comunicação oral.

A importância pedagógica dessa ficha avaliativa é múltipla. Primeiro, ela explicita os critérios de qualidade esperados para as apresentações, contribuindo para que os estudantes compreendam claramente o que devem buscar alcançar. Quando os critérios de avaliação são transparentes, os estudantes podem se preparar de forma mais adequada e direcionada. Segundo, ao transformar os estudantes em avaliadores dos colegas, a proposta promove o desenvolvimento de capacidades de análise e julgamento. Para avaliar a apresentação do outro, é necessário observar atentamente, comparar com os critérios estabelecidos, emitir juízos fundamentados. Essas são habilidades críticas importantes, transferíveis para diversos contextos.

Terceiro, a avaliação pelos pares contribui para criar uma cultura de responsabilidade coletiva, em que todos se sentem comprometidos com a qualidade das apresentações. Saber que será avaliado pelos colegas motiva o estudante a se preparar adequadamente, e a possibilidade de avaliar os pares desenvolve empatia e compreensão sobre as dificuldades inerentes ao ato de apresentar oralmente. Quarto, o instrumento de avaliação oferece ao professor dados importantes sobre o desenvolvimento das competências de leitura e oralidade de cada estudante, subsidiando futuras intervenções pedagógicas.

Os registros do diário de campo indicam que, após a Feira de Leitores, foi realizada uma sessão coletiva de discussão sobre o evento, na qual os estudantes compartilharam suas percepções tanto sobre a experiência de apresentar quanto sobre a de avaliar. Essa meta-reflexão é valiosa porque promove consciência sobre os próprios processos de aprendizagem e sobre as experiências vivenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da proposta pedagógica de formação de leitores desenvolvida com estudantes do 7º ano do ensino fundamental permitiu identificar elementos formativos relevantes e articulados entre si, que contribuíram para experiências significativas de leitura literária. Os cinco elementos analisados—sugestão de obras diversificadas, valorização da biblioteca escolar, utilização de fichas de leitura, realização da Feira de Leitores e avaliação coletiva—não constituem ações isoladas, mas compõem um percurso pedagógico coerente, fundamentado em uma concepção sociointeracionista da linguagem.

Um aspecto central observado foi a participação efetiva dos estudantes em atividades que fizeram sentido para suas vidas. A proposta não se limitou a prescrever leituras obrigatórias e cobrar relatórios, prática ainda comum no ensino de língua portuguesa. Ao contrário, ofereceu escolhas, respeitou ritmos individuais, criou espaços de socialização e valorizou as vozes dos estudantes. Essa postura pedagógica é coerente com a compreensão da leitura como prática social e com o reconhecimento dos estudantes como sujeitos ativos na construção de conhecimento.

A proposta possibilitou que a leitura fosse vivenciada em múltiplas dimensões: como deleite, na fruição estética das obras; como exercício crítico, na análise e avaliação dos livros; e como prática social, na troca de vivências com outros leitores. Essa multiplicidade de dimensões é fundamental para uma formação leitora consistente. Não basta desenvolver apenas a capacidade técnica de ler; é preciso formar sujeitos que compreendam a leitura como fonte de prazer, como instrumento de reflexão crítica e como prática que se enriquece no compartilhamento.

A Feira de Leitores revelou-se como estratégia particularmente eficaz para promover o diálogo sobre literatura na escola. O formato adotado, com apresentações rotativas em pequenos grupos, favoreceu a participação ativa de todos e criou um ambiente de troca genuína. Os estudantes não apenas apresentaram seus livros, mas efetivamente descobriram

novas obras a partir das recomendações dos colegas, evidenciando que o evento cumpriu seu objetivo de divulgação e socialização de experiências leitoras.

As fichas de leitura e avaliação demonstraram-se instrumentos pedagógicos valiosos, auxiliando os estudantes a desenvolverem capacidades de análise literária e de comunicação oral. Esses instrumentos não foram utilizados de forma burocrática ou punitiva, mas como mediadores que apoiaram os estudantes em suas produções, evidenciando que a avaliação pode ter função formativa quando bem concebida e implementada.

É importante reconhecer que a proposta aqui analisada beneficiou-se de condições favoráveis: acervo bibliográfico adequado, infraestrutura escolar apropriada, turma com número razoável de estudantes, tempo suficiente para desenvolvimento das atividades.

Essas condições não são realidade em muitas escolas brasileiras, especialmente nas redes públicas estaduais e municipais. Contudo, os princípios que orientaram a proposta—respeito às escolhas dos estudantes, valorização da biblioteca, socialização das leituras, desenvolvimento da oralidade—podem ser adaptados a diferentes contextos, desde que haja comprometimento institucional com a formação leitora.

Sugere-se, para futuras pesquisas, a investigação de propostas similares em outros contextos escolares, verificando possibilidades de adaptação e identificando elementos facilitadores ou dificultadores. Seria relevante também acompanhar longitudinalmente os estudantes que participaram dessa proposta, verificando impactos de longo prazo em suas trajetórias como leitores. Além disso, a investigação sobre a formação docente necessária para implementar propostas dessa natureza constitui campo promissor, considerando que muitos professores ainda carecem de subsídios teóricos e metodológicos para trabalhar efetivamente com a leitura literária.

Por fim, este estudo reafirma a importância de práticas pedagógicas que efetivamente contribuam para a formação de leitores autônomos, críticos e sensíveis. Em um contexto social marcado pela fragmentação

da atenção e pela proliferação de discursos simplificadores, a leitura literária apresenta-se como experiência de alargamento de horizontes, de encontro com a alteridade, de refinamento da sensibilidade estética e crítica. A escola, como espaço privilegiado de acesso à literatura para grande parcela da população brasileira, tem responsabilidade fundamental nesse processo formativo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 15. ed. Campinas: Pontes, 2013.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2008.

MARCHUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, E. T. **Biblioteca escolar: da gênese à gestão**. In: SILVA, E. T. (Org.). *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.